

Número 2 - Julio / Diciembre 2016

**REVISTA**  
**DIÁLOGOS EN MERCOSUR**

ISSN 0719-7705

Portada: Felipe Maximiliano Estay Sepúlveda

**DIÁLOGOS EN MERCOSUR**  
**¡AMÉRICA LATINA Y MÁS!**



## **CUERPO DIRECTIVO**

### **Director**

**Carlos Túlio da Silva Medeiros**

*Instituto Federal Sul-rio-grandense, Brasil*

### **Sub Director**

**Francisco Giraldo Gutiérrez**

*Instituto Tecnológico Metropolitano, Colombia*

### **Editores**

**Isabela Frade**

*Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Brasil*

**Alcione Correa Alves**

*Universidade Federal do Piauí, Brasil*

**Juan Guillermo Estay Sepúlveda**

*Universidad de Los Lagos, Chile*

## **COMITÉ EDITORIAL**

**Andrés Lora Bombino**

*Universidad Central Marta Abreu, Cuba*

**Claudia Lorena Fonseca**

*Universidade Federal de Pelotas, Brasil*

**Carlos Túlio da Silva Medeiros**

*Instituto Federal Sul-rio-grandense, Brasil*

**Fernando Campos**

*Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, Portugal*

**Francisco Giraldo Gutiérrez**

*Instituto Tecnológico Metropolitano, Colombia*

## **COMITÉ CIENTÍFICO INTERNACIONAL**

**Ana Mirka Seitz**

*Universidad del Salvador, Argentina*

**Eduardo Devés**

*Universidad de Santiago / Instituto de Estudios Avanzados, Chile*

**Eduardo Forero**

*Universidad del Magdalena, Colombia*

**Graciela Romero Silveira**

*Universidad de la República, Uruguay*

**Heloísa Buarque de Hollanda**

*Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil*

**Juan Bello Domínguez**

*Universidad Nacional Autónoma de México, México*

**Lisandro Alvarado**

*Universidad de Zulia / REO-ALCel, Venezuela*

**María Alicia Baca Macazana**

*Organización de Comunidades Aymaras, Quechuas y Amazónicas del Perú, Perú*

**María Teresa Ferrer Madrazo**

*Universidad de Ciencias Pedagógicas Enrique José Varona, Cuba*

## **Cuerpo Asistente**

### **Documentación**

**Lic. Carolina Cabezas Cáceres**

*221 B Web Sciences, Chile*

**Traductora: Inglés**

**Lic. Pauline Corthon Escudero**

*221 B Web Sciences, Chile*

**Traductora: Portugués**

**Lic. Elaine Cristina Pereira Menegón**

*221 B Web Sciences, Chile*

### **Portada**

**Felipe Maximiliano Estay Guerrero**

*221 B Web Sciences, Chile*



**221 B**  
**WEB SCIENCES**

## Indización

Revista Diálogos en Mercosur, se encuentra indizada en:



Información enviada a Latindex  
para su evaluación e indización.



**221 B**  
**WEB SCIENCES**

ISSN 0719-7705 – Publicación Semestral / Número 2 / Julio – Diciembre 2016 pp. 79-91

**FUTEBOL E DITADURA MILITAR NA ARGENTINA:  
UMA LEITURA DE *DOS VECES JUNIO*, DE MANTÍN KOHAN**

**FÚTBOL Y DICTADURA MILITAR EN ARGENTINA:  
UNA LECTURA DE DOS VECES JUNIO, DE MARTIN KOHAN**

**Dr. Valdemar Valente Junior**  
Universidade Castelo Branco, Brasil  
valdemarvalente@gmail.com

**Fecha de Recepción:** 05 de diciembre de 2016 – **Fecha de Aceptación:** 28 de diciembre de 2016

**Resumo**

Este texto se propõe a discutir aspectos da ditadura militar na Argentina, enfatizando a Copa do Mundo de 1978 como evento catalisador dessa crise. Pretendemos indicar o modo através do qual o regime autoritário manipula o futebol como elemento de apelo popular, a partir da leitura de *Dos veces junio*, romance de Martín Kohan que promove um retorno à memória recente de seu país, aprofundando a tensão desse período de exceção. O romance detecta ainda pontos de vista que denunciam o desastre do governo argentino na Guerra das Malvinas, que coincide com o fracasso da seleção de futebol na Copa do Mundo da Espanha, em 1982.

**Palavras-Chaves**

Literatura – Futebol – Memória

**Resumen**

Este texto se propone discutir aspectos de la dictadura militar en Argentina, destacando la Copa del Mundo de 1978 como un evento catalizador de esa crisis. Queremos indicar el modo a través del cual el régimen autoritario maneja el fútbol como un elemento de atractivo popular, a partir de la lectura de *Dos veces junio*, novela de Martín Kohan que promueve un retorno a la memoria reciente de su país, profundizando la tensión de este período de excepción. La novela todavía detecta vistas que denuncian el desastre del gobierno argentino en la Guerra de Malvinas, que coincide con el fracaso de la selección de fútbol, en la Copa del Mundo de España, en 1982.

**Palabras Claves**

Literatura – Fútbol – Memoria

## Introdução

A ideia deste artigo, antes de querer tratar especificamente do futebol, diz respeito à utilização desse argumento como possibilidade de compreensão do processo de manipulação das massas exercido pelo governo argentino durante o regime de exceção, tendo na realização da Copa do Mundo um aliado de forte sentido ideológico. Na condição de esporte que apaixona as multidões, o futebol ativa seu componente mobilizador em favor do desvio da atenção do país com relação aos horrores da ditadura que mata e tortura seus opositores. A Copa do Mundo, portanto, catalisa de forma significativa a paixão do povo, mobilizando a atenção popular ao tempo em que o regime ditatorial perpetra atrocidades. Por sua vez, sobre a seleção argentina pesa a responsabilidade de ter que vencer esse torneio mundial como um atenuante à forte pressão contra o regime.

Em verdade, os argentinos, vice-campeões da primeira Copa do Mundo, disputada no Uruguai, deixam por muito tempo de dar importância a essa competição. Mais tarde, por ocasião da Copa do Mundo disputada na Alemanha, a equipe sente o impacto causado pela morte do Presidente Juan Domingo Perón, que retornara ao país depois quase duas décadas de exílio, abatendo-se dentro de campo. Episódio semelhante ocorreria oito anos depois, durante a Copa do Mundo disputada na Espanha, quando a capitulação diante da Inglaterra, na Guerra das Malvinas, do mesmo modo repercute no desempenho da equipe, derrotada de maneira incontestável. Por sua vez, a glória do futebol argentino estaria depositada nas conquistas da Copa Libertadores da América, quando pontificam equipes como o Independiente, o Estudiantes e o Racing, e em seguida, o Boca Juniors e o River Plate, grandes vencedores desse torneio continental. No entanto, a Copa do Mundo em seu território implica na obrigação da conquista, uma vez que a imagem do General Jorge Rafael Videla, na tribuna de honra do Estádio de Nuñes, é exibida pela televisão sob a chuva de papel colorido que saúda a entrada dos jogadores no gramado.

A esse momento em que o futebol e a ditadura militar estabelecem relações de proximidade associa-se a narrativa de Martín Kohan, cujo romance *Dos veces junio* busca nas injunções da política explicações para as formas através das quais o torneio mundial traduz para os argentinos um sentido de alienação e transe coletivo. As seguidas derrotas para os italianos em duas copas do mundo justificam o título da obra, que se ampara na memória desses dois momentos da vida política na Argentina. Esses instantes de tensão ficam patentes em quase todas as partidas da seleção argentina, que enfrenta enormes dificuldades, exceção feita à partida contra o Peru, até hoje sob suspeição. A presença dos militares nos bastidores do futebol denuncia as formas explícitas de participação do regime como meio de trazer para o âmbito popular um sentido de atuação, na inviabilidade das massas efetivamente tomarem parte nas decisões do país. A narrativa, portanto, expressa a sensação do silêncio que se sobrepõe às vozes em surdina, submetendo essa abordagem ao tema da privação do direito à liberdade como metáfora a que o futebol contribui como elemento relevante. A Copa do Mundo e a campanha vitoriosa da seleção argentina são como contrapartes de uma narrativa que se faz difícil e pungente.

O futebol e a ditadura militar firmam um pacto que atende a diferentes interesses, sob a forma de como as forças externas ao esporte e à política atuam, desviando o eixo dos acontecimentos na direção do que lhes parece mais oportuno. Por isso, o resultado dos jogos supõe um arranjo, a partir de um esforço colossal, uma vez que a seleção argentina em sua campanha paga o preço de nunca ter conquistado essa competição. No entanto, a vitória afirma-se como prioridade, em torno de um esquema em que os argentinos jogam no último horário, sabendo o resultado dos outros jogos. Mesmo assim a conquista esteve

por um fio, incluindo-se a derrota para a Itália e o empate com o Brasil. A narrativa, portanto, aborda o impasse a ser contornado pelo risco de os argentinos não virem a obter o resultado esperado, sendo a Copa do Mundo um esquema arriscado que de certo modo se coloca em perigo. Assim, cada passo na direção do título mundial cerca-se de cautela, em vista do clima de tensão que pesa sobre o país.

Em *Dos veces junio*, Martín Kohan situa os bastidores do poder durante a Copa do Mundo, apontando o lugar inerente a opressores e oprimidos, além de estender a memória desse tempo ao campeonato seguinte, com a intenção deliberada de uma narrativa que de maneira retrospectiva recompõe o cenário deteriorado do país atingido pelos efeitos da ditadura militar. A pressão nos quartéis contribui para que se crie um ambiente de sensorialidade que contrasta com a euforia dos estádios e o clima de aparente liberdade que o evento festivo oferece como meio atenuante. Nesse sentido, o romance sugere situações paralelas que vão se revelando, na medida em que o texto desenrola um carretel de acontecimentos em torno das ações perpetradas pelo regime de opressão. Nesse aspecto, há como que uma ambientação do texto ao medo e à suspeição, o que difere do clima das ruas de Buenos Aires ao final das partidas da seleção argentina.

*Dos veces junio* aponta para o submundo da tortura nos porões do regime, dando azo ao lugar da prisão como laboratório de crueldades exercidas ao longo desses anos de exceção política. A figura do recruta, que assume a primeira pessoa do discurso, funciona como depositária dessa memória, sendo que sua inconfidência, apenas no plano da ficção, resulta no elemento de destaque do romance que Martín Kohan executa com extremo vigor e talento. Desse modo, a conjuntura política alia-se à tessitura de um discurso ficcional que garante um plano de eficácia fundamental a sua proposta. As particularidades inerentes aos diferentes espaços que servem de cenário ao texto se constituem em pontos elevados, configurando um imaginário de teor essencial. Assim, a narrativa argentina contemporânea serve-se do passado recente para conceber o discurso dos que ganharam e dos que perderam, no futebol e na política, dando vida a um recorte de tempo que deve ser lembrado para não mais ser esquecido. O regime de opressão opera uma temática a que o romance recupera, mas que se faz preciso banir como exemplo de uma viagem de ida sem retorno.

### **Os bastidores do regime**

Os recursos narrativos empregados por Martín Kohan dizem respeito à técnica retrospectiva que se faz comum, a partir do tema do golpe militar como um acerto de contas com o tempo passado a limpo. Desse modo, o ambiente dos quartéis assume seu caráter de opressão e silêncio, a partir do recruta que a tudo vê e ouve sem com isso querer ou poder emitir qualquer opinião. O clima de tortura e amordaçamento das vozes é visto com normalidade, interferindo nessa situação como peça que se destaca no quebra-cabeça que compõe a narrativa. Narrar o que se apresenta como efetivamente inenarrável se constitui na principal dificuldade de um texto que se mostra sucinto, não se estendendo em digressões. Assim, os sinais de tortura e violência no corpo da prisioneira no quartel não se configuram em longos relatos, presando-se um sentido de voz abafada pela iminência da palavra sob interdição. Por isso, um clima de desconforto e desconfiança apodera-se do recruta, uma vez que a conjuntura do regime militar parece a todo instante preparar armadilhas com as quais se possa pilhar transgressores reais ou inventados.

Os relatórios militares sob absoluto sigilo dão conta de uma paranoia contrarrevolucionária para a qual é preciso estar preparado do mesmo modo que para a guerra. As cenas dos bastidores incidem no oposto do ambiente de nebulosa conspiração,

na medida em que o futebol monopoliza as atenções, não deixando margem de dúvida sobre o triunfalismo do regime que aí vê serem consagrados seus objetivos. A expectativa diante de mais uma partida apresenta-se em sua aura de tensão, mas o recruta segue sua rotina de servir ao oficial médico, de quem aprende sucessivas lições de como se conduzir sobre o terreno pedregoso a que o regime militar impõe como regra a seus subordinados. A tortura nos quartéis obedece a um esquema de acompanhamento médico a que é preciso seguir de forma meticulosa como um aprendizado de onde se possa obter o melhor proveito. Por sua vez, a rotina militar implica em obedecer, calar e pensar menos, o que tem continuidade na tarefa do recruta de guiar, limpar e adequar o Ford Falcon a serviço do oficial médico. Tocar em frente, seguir as determinações, cumprir os horários, além do fato de que as discussões sobre futebol com os demais soldados jamais devem colocar em dúvida a vitória argentina.

O significado desse evento como matéria capaz isolar provisoriamente o dilaceramento social provocado pela ditadura acaba por explicitar a possibilidade de a memória atuar não apenas como um antídoto contra o veneno da opressão, mas também negar as regras da tradição para ir de encontro aos algozes, destituindo a possibilidade de isso vir a coincidir com os fatos distorcidos pelo regime. O relato dos perdedores, se forem computados os sobreviventes das ações do regime militar argentino, em seu período mais cruel de repressão e violência, dá conta da urgência em ser preservada a memória como material extremamente relevante. Assim, recorremos a Hugo Achugar, de cujo pensamento crítico podemos absorver subsídios à compreensão dos efeitos de uma memória extraoficial que se impõe como dado relevante, indo de encontro à lógica sequenciada da história como página oficial:

E a memória? – que papel corresponde à memória? Ao que parece, memória tem uma tarefa fixa que a vincula à tradição. No entanto, o acontecimento nos últimos tempos não parece respaldar essa afirmação, essa distribuição de tarefas, segundo a qual a memória ficaria encarregada de preservar o relato oficial, ou hegemônico, baseando-se no “esquecimento” voluntário, ou involuntário, dos poderosos. Pelo contrário, a memória, para um amplo setor da sociedade contemporânea, teria a responsabilidade de resgatar os esquecimentos a que haviam sido submetidos os indivíduos, obras e fatos históricos.<sup>1</sup>

Assim, *Dos veces junio* evidencia uma narrativa em que a peripécia se exime de ocorrer, uma vez que seus cenários de ação dão conta de um país sob forte tensão. Por isso, o aspecto monumental de uma cidade como Buenos Aires desaparece sob a nuvem de chumbo da tirania. As vozes de comando que emanam dos quartéis coadunam-se à caricatura do General Jorge Rafael Videla, divulgada em jornais de esquerda pelo mundo, caracterizado com o uniforme da seleção argentina, controlando nos pés um crânio humano como se fosse uma bola de futebol. A isso corresponde o ambiente nos quartéis, não como jardins da infância, onde a criança nascida de uma mãe prisioneira corre o risco de não viver. A situação de constante apreensão toma conta de opressores e oprimidos, na medida em que cada um dos membros do sistema, oficiais e subalternos, tem por obrigação comunicar ao comando qualquer possível deslocamento que se constitua em exceção, uma vez que a urgência por deliberações se impõe como regra. Diante desse quadro, o cenário da cidade parece desaparecer, ou mesmo a imagem da multidão convulsionada pelo transe do futebol apresenta-se como elemento secundário, quase inexistente diante da realidade:

<sup>1</sup> Achugar, Hugo. *Planetas sem boca: escritos efêmeros sobre arte, cultura e literatura*. Tradução de Lyslei Nascimento. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.

A dramatização do princípio da crueldade como diretriz da organização formal pode ser entendida como violência sádica, agressividade, que as ações dos personagens, aliadas à contundência das imagens reais, revelam, e, por outro lado, reside no caráter irremediável e inapelável da realidade que se procura representar, mas acaba pondo em questão os próprios limites da representação, ao mesmo tempo que torna a realidade inelutável e impossível de ser atenuada ou afastada.<sup>2</sup>

O gigantismo de Buenos Aires com seu obelisco e suas enormes avenidas sucumbe à redução da narrativa aos interesses de um microcosmo restrito à memória desse tempo sombrio. Mesmo o percurso do Ford Falcon conduzindo o oficial médico a Quilmes, Lanús, Banfield ou La Plata é desprovido que qualquer elemento que incorpore a paisagem à narrativa, uma vez que o romance brutaliza as imagens descaracterizadas de valor cromático, haja vista a cidade esvaziada do conjunto intrínseco de suas características. A rotina da vida militar, a partir do evento da Copa do Mundo, catalisa para o romance as condições implícitas de um jogo de anteparos a partir do qual a proposta narrativa se sustenta, configurando sua tessitura problemática, o que se justifica na deliberada ausência de recursos imagísticos que, dados os assuntos que aborda, constitui-se em seu campo de força. Assim, as instâncias que se sobrepõem como vozes de um mesmo discurso convergem para o cerne da questão, dando ao romance condição e sentido.

Com efeito, a ditadura militar na Argentina ocorre no rastro das demais países da América Latina, especificamente nos vizinhos Chile, Uruguai, Brasil e Paraguai, contaminados pela insânia anticomunista que atende aos interesses norte-americanos, por ocasião da Guerra Fria. Os militares devastam não somente a economia, mas contribuem para a despolitização dos jovens, a partir do desmonte da estrutura universitária, além de fomentarem a alienação a partir da importação de toda espécie de lixo cultural que invade parte expressiva do continente. Assim, o silêncio que pesa sobre o recruta ajuda a configurar a cumplicidade de quem acaba por gozar de certa proteção à ameaça constante e ao perigo iminente. O regime ditatorial foi capaz de colocar em prática um sistema de espionagem que passa a observar seus próprios colaboradores. Desse modo, a narrativa concorre como reflexão *a posteriori*, não isentando nenhuma das partes envolvidas nesse acontecimento. Diante disso, o texto ocupa um ponto de observação privilegiado, a partir do recorte temporal que estabelece.

Sobre esse aspecto, a intervenção de Josefina Ludmer nos ajuda a refletir a respeito da memória como elemento que se reafirma em diferentes instâncias, justificando a necessidade de se auferir mérito a essa recuperação do tempo. Os traumas do regime parecem simbolicamente corrigidos pelos efeitos do que a memória pode exercer como acerto de contas com um passado em que era vedada qualquer forma de expressão que lhe fosse contrária. Desse modo, Buenos Aires, centro das ações da ditadura militar, converte-se em palco das manifestações que reivindicam mortos e desaparecidos, confirmando seu lugar de metrópole para onde convergiu a maioria das ações arbitrárias envolvendo prisões e torturas. Dessa vez, o ato de ir às ruas nada tem a ver com os efeitos do futebol que catalisa o espírito coletivo para insinuar a falsa ideia das massas a ocupar espaços sob interdição. Cabe lembrar que a recuperação dessa memória coincide, por diferença de muito pouco tempo, com a publicação de *Dos veces junio*, o que lhe pode sugerir um sentido de continuidade:

---

<sup>2</sup> Gomes, Renato Cordeiro. “Por um realismo brutal e cruel”. In: MARGATO, Izabel; GOMES, Renato Cordeiro (Org.). *Novos realismos*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012.



Na Buenos Aires do ano 2000 a memória não é apenas uma reflexão sobre a reprodução perpétua do presente, sobre o *déjà-vu*, ou a mudança na temporalidade pela perda do futuro. Na América Latina a memória é sempre política, um grito de justiça. De repente, em 2000, a memória global e a justiça global se superpõem; esta última começa a operar contra os repressores argentinos dos anos de 1970.<sup>3</sup>

De volta à narrativa, a derrota para a Itália não está nos planos, e a multidão deixa o Estádio de Nuñes cabisbaixa. O recruta, dirigindo o Ford Falcon, encontra o Doutor Mesiano e seu filho em meio aos torcedores. Daí seguem os três a beber uísque com mulheres de programa. O comunicado imprescindível, para o qual se mobilizara, pode esperar o tempo que for. O sentido trágico da ditadura militar apresenta seu aspecto de comédia, quando o descumprimento de uma ordem superior, que poderia resultar em punição, é esvaziado de significado, passando ao largo no rol de importância das diretrizes do regime. Todavia, mesmo derrotada, a seleção argentina passa à fase seguinte do torneio, querendo esse tropeço representar apenas um acidente de percurso à conquista que está por vir. A conjunção do futebol como esporte de massas aos interesses do regime autoritário resulta em um programa por vezes posto em risco, se forem levadas em conta as incidências não previstas nem tampouco projetadas.

A reunião de fatores paralelos em um mesmo período confirmam uma situação política que reflete na Argentina a imagem dos demais regimes autoritários da América Latina, do ponto de vista intencional com que a hegemonia norte-americana no Ocidente submete os países da periferia do capitalismo. A dependência econômica que se impõe, sobretudo, se for pensada a situação argentina junto às altas esferas do capitalismo multinacional, resulta no fato do país ter se destacado como exportador de carne e trigo, logrando enormes resultados no transcurso do século XX. Por sua vez, a ordem mundial muda de feição, e a ditadura justifica sua presença no descompasso de um país que também se desenvolve no âmbito industrial, de modo a fazer como que suas demandas correspondam aos anseios do mercado internacional. Assim, o regime se impõe como um remédio que acaba por liquidar o paciente, exercendo seu poder e sua tirania, o que se ratifica na ingerência exercida sobre o futebol.

### **Euforia e alienação**

O futebol como espetáculo de massas encontra nos regimes totalitários um anteparo que lhes agrega popularidade, tendo em vista a possibilidade de as camadas subalternas poderem participar como agentes desse evento, sendo ao mesmo tempo excluídas das decisões políticas de interesse da classe dirigentes. Desse modo, ocorre como que um processo de blindagem das massas, que têm como compensação ilusória o espaço de participação nesse esporte como paixão coletiva. Na Argentina, como em boa parte da América Latina, o futebol funciona como válvula de escape às situações de crise levadas ao limite extremo. Os sucessivos governos autoritários no continente buscam no futebol o fomento à oferta de um produto cultural que lhes rende dividendos políticos de valor extraordinário. A Copa do Mundo de 1970, disputada no México, resulta na vitória brasileira como forma de alienação que, com o apoio dos meios de comunicação, atenua provisoriamente o colapso do regime que comete torturas e atrocidades de todo tipo.

---

<sup>3</sup> Ludmer, Josefina. *Aqui América Latina: uma especulação*. Tradução de Rômulo Monte Alto. Editora UFMG, 2013.

Na Argentina, em 1978, repete-se a receita brasileira, com a diferença de que o Brasil ganhara o título mundial em outro país, longe de pressões internas de qualquer natureza. Se em 1970 o público brasileiro ficara fascinado com o advento da primeira Copa do Mundo transmitida por satélite, os argentinos deslumbram-se com o sistema de transmissão em cores, recém-implantado no país. Portanto, não há como negar o fato de que esse evento se constitui em uma festa extraordinária, aliando-se à devoção quase religiosa dos argentinos pelo futebol. Mais ainda, a transmissão das partidas para boa parte do mundo dá conta de uma euforia que contrasta com a realidade das prisões sem motivo justificado e do desrespeito aos direitos individuais dos cidadãos. Todavia, jogando em casa, a seleção argentina depara-se com a pressão da ditadura como um perigoso adversário extracampo, talvez o mais temido entre todos a serem enfrentados. Se como característica essencial o futebol argentino expressa a virilidade de um jogo que potencializa ao extremo a condição do confronto físico, essa mesma característica por vezes não se faz impor.

Assim, os fatores externos que favorecem a trajetória argentina esbarram no nervosismo à flor da pele de uma equipe muito bem armada, mas que por algumas vezes, além do talento de seus jogadores, conta com a sorte, a exemplo do pênalti defendido pelo goleiro Fillol, chutado pelo meio-campo Deyna, na semifinal contra a Polônia, ou a bola na trave direita, chutada pelo meio-campo Resembrink, na final contra a Holanda. Nesses momentos o título mundial é ameaçado, cabendo ao romance de Martín Kohan o aprofundamento da questão a partir de um olhar mais específico. A matéria do futebol ganha foro relevante, atuando como parte integrante de um discurso que amplia seu depoimento acerca da ditadura militar. No entanto, esse manuseio do futebol pelas autoridades do regime reitera posturas já conhecidas, especificamente no Brasil e na Argentina, onde o populismo de Getúlio Vargas e Juan Domingo Perón em muito dele tiram proveito. A questão, da forma como nos apresenta Martín Kohan, não possui nenhum ingrediente capaz de tornar o futebol um acepipe palatável, senão um prato indigesto a ser deglutido sem questionamentos:

A narrativa explora os arquivos da memória, embaralha-os para dar início a uma nova jogada, porém com recorte reinventados, com ações e espaços-tempos desmontados e montados. Em outras palavras, desconstrói e constrói, dando visibilidade, apresentando um outro pensamento, que se repete e se diferencia, imaginação ética-política, sobre os *tempos sombrios* da Argentina. Ao afastar-se da literatura testemunhal, deixa emergir o “não dito”, longe de se tornar em miríades de simples ilusões, alucinações. Na sociedade do espetáculo da contemporaneidade, em que as imagens possuem cada vez mais valor conforme o desejo do mercado, a ficção de Kohan apresenta imagens que sacodem as relações, imagens que se contrastam, se mesclam, se chocam, produzindo outros matizes.<sup>4</sup>

A isso corresponde o fato da narrativa deliberadamente assumir um discurso que traz à cena a truculência do regime marcado pela tensão decorrente de um estado de coisas que ameaça indistintamente a todos os que como ele se envolvem, o que demonstra ser a ditadura um esquema coercitivo contra o qual não há nenhuma medida que se possa contrapor. Assim, *Dos veces junio* alia a essa conjuntura degradada a Copa do Mundo e seu papel visivelmente tendencioso como parte de um projeto previamente engendrado. Parece evidente que o fantasma da violência, sob todos os seus disfarces, apresenta-se como forte ameaça à possibilidade de descumprimento do que fora estabelecido em torno

---

<sup>4</sup> Skrepetz, Inês. “Os jogos políticos dos tempos sombrios: futebol e ditadura na obra de Martín Kohan”. In: *Conhecimento prático: literatura*. São Paulo: EBR, 2015.

da conquista do torneio de futebol. Por conta dessa observação, a análise de Idelber Avelar mostra-se precisa, tocando no ponto crucial do que representa a relação entre o futebol e a ditadura militar:

O horror absoluto – a tortura de crianças – assume posição central no texto, mas é progressivamente subtraído desse lugar pela dúvida que começa a assaltar o recruta: corrigir ou não corrigir o erro ortográfico na palavra *empezar*? Como começar rasurando o documento da atrocidade sem aludir a ela, fingindo não vê-la? Este deslocamento estabelece as pautas para a voz do recruta, um jovem que se permitirá saber, acerca do mundo ao seu redor, somente o que é estritamente necessário para a realização de seu trabalho. O relato tem lugar em duas noites de junho, uma em 1978, e outra em 1982. Em ambas as ocasiões, a Argentina joga contra a Itália pela Copa do Mundo e, em ambas as noites, a Argentina perde a partida. Mesmo a Argentina tendo vencido a Copa, no final das contas, Kohan significativamente escolhe o momento da derrota para a ambientação da primeira e mais longa parte do romance. A derrota daquela noite contra a Itália, junto com a fantasmagoria que a acompanha, é a matéria-prima para uma poderosa metáfora social.<sup>5</sup>

Do mesmo modo, as atrocidades cometidas respondem à situação de impunidade que se converte em norma, a partir do momento em que tudo cabe como regra nos regimes de exceção. A jovem violentada, após pedir ajuda a um caminhão do exército para que lhe fosse reparado um furo no pneu de sua bicicleta, ilustra o ambiente hostil da repressão como exemplo do que o poder absoluto pode exercer. A via de mão única da truculência coloca-se como medida, superando todas as demais instâncias da atividade civil. A isso agrega-se o programa de que o recruta participa junto ao oficial médico e seu filho, exigindo que a mulher contratada finja sentir prazer, depois de ser amarrada à cama. Por esse meio, explicita-se a força absoluta do regime no auge do exercício do poder que se legitima sobre todas as pessoas. Do mesmo modo, esse poder se expande para o futebol, deixando claro que tudo leva à conquista do título mundial, incluindo-se nisso a derrota para os italianos como apenas um detalhe.

Todavia, a crise política prossegue em seu permanente estado de desconfiança sobre qualquer motivo de suspeita que lhe possa antagonizar. Nos quartéis, a tortura assume requintes de crueldade, a partir do controle médico que sobre ela se desenvolve. A convivência com o regime de exceção não isenta o recruta da responsabilidade de saber do que se passa. Em verdade, *Dos veces junio* põe em evidência a ordem de fatos pautados pelo medo generalizado em que os algozes podem vir a se tornar vítimas de si mesmos. Nesse labirinto de prisões e torturas, a voz oculta é uma arma que não pode ser disparada, correndo-se o risco de que isso repercuta em retorno àquilo que não se espera e não há como se prever. Daí a complicada situação do regime que, tendo chegado ao limite, solicita do futebol um nível de participação que lhe atenua a imagem negativa, dando-lhe condições de prosseguir em seu roteiro de desmandos.

A disseminação de uma política do medo prevalece acima de qualquer argumento. Desse modo, as feridas custam a cicatrizar, uma vez que o sistema se utiliza de estratégias que prezam por um requinte de crueldade capaz de prolongar seus efeitos. Na observação

<sup>5</sup> Avelar, Idelber. “Figurações da violência e da memória no romance argentino contemporâneo: Martín Kohan e Gustavo Ferreyra”. In: SELIGMANN-SILVA, Márcio, Ginzburg, Jaime & Hardman, Francisco Foot. (Org.). *Escritas da violência: o testemunho*. vol. 1. Rio de Janeiro: Sette Letras, 2012.

precisa de George Yúdice, no caso argentino, a exemplo de outras ditaduras na América Latina, existe a necessidade de que se priorize a recuperação da memória desses tempos sombrios, diante do fomento à falsa ideia do deliberado perdão que se segue ao retorno à democracia. Cabe recordar que a retomada do regime democrático enseja a condição de obediência aos desígnios do capitalismo neoliberal que tem sua política orquestrada pelos Estados Unidos. Assim, o protesto das ruas manifesta-se como expressão da memória levada ao limite dos fatos, não obstante o conjunto de medidas que privilegiam os interesses da ordem econômica que continua a dar as cartas e manipular as peças desse xadrez:

As ditaduras não haviam permitido a circulação de certas discussões e imagens, o que explica por que aconteceu um interesse por formas alegóricas de comunicação que lhes deram relevância política. Mas, logo após a retirada das ditaduras, o ativismo pelos direitos humanos proliferou, e, com ele, o direito à memória, a tudo aquilo que havia desaparecido, inclusive através da corrupção e abuso de poder. Realmente, durante os anos da ditadura, o terrorista fora o Estado, e aqueles que colaboraram com ele.<sup>6</sup>

O oficial médico finalmente chega para atender a prisioneira já em vias de morte, sem que com isso dela se possa extrair qualquer informação. Os subterrâneos da ditadura apontam questões sobre o que se fazer diante do imponderável. O oficial médico e o recruta assumem um nível de cumplicidade que evidencia o caráter de humano diante da barbárie representada pela humilhação e pela tortura. O tempo corre de modo a acalmar a situação de desconforto de que o médico e o recruta compartilham, o que transparece na liberação do filho da prisioneira, uma vez que a ela não há como atender, dado o estado de destruição a que a tortura a condenara. Sobreviver às agruras do regime se impõe como tarefa árdua, não importando de que lado se esteja. Desse modo, o oficial médico situa-se na condição de quem transita pelo território obscuro da ditadura militar, tentando dar a sua tarefa um dado de humanização, o que por sua vez lhe parece improvável.

As sequelas do autoritarismo seguem atormentando suas vítimas. Todavia, o desgaste do governo militar, alvo de denúncias dos órgãos internacionais de direitos humanos, acaba por minar a ordem repressora, na falta de opções como veículo de alienação, como fora a vitoriosa Copa do Mundo. Os apelos populares do sistema político parecem esvaziar qualquer desculpa que convença as massas a depositar sua crença nos dividendos da ditadura. A seleção argentina, por sua vez, parece já não ter a mesma possibilidade de agregar o conjunto da sociedade através de um apelo duradouro. A situação política transforma-se, e o futebol como mecanismo de manipulação mostra-se ineficaz. As sucessivas crises econômicas, aliadas do que se apresenta como colapso do regime político, concorrem decisivamente para uma última cartada, representada pela invasão das Ilhas Malvinas. Essa investida, sobrecarregada de messianismo político, representa a derrocada do regime autoritário.

### **Dentro e fora do campo**

A Guerra das Malvinas possui um forte componente ideológico que capitaliza o conjunto da sociedade argentina, sobretudo a grande massa popular, em torno de um projeto de unificação da identidade nacional semelhante ao que representara, quatro anos antes, a Copa do Mundo. No entanto, as batalhas são travadas em campos diferentes e

<sup>6</sup> Yúdice, George. *A conveniência da cultura: usos da cultura na era global*. Tradução de Marie-Anne Kremer. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2004.

contra adversários desiguais. A luta pela retomada do arquipélago em poder da Inglaterra representa um momento de histeria coletiva, reforçado pela ideia de inferioridade da América Latina diante das grandes potências militares e econômicas. Derrotada militarmente, a rendição diante dos ingleses significa o fim de um regime combalido a que a investida da guerra ajuda a fazer cair. A mobilização em torno da guerra faz com que renasçam os mitos de uma nacionalidade adormecida desde a última Copa do Mundo, quando a nação assume papel preponderante diante do conceito de individualidade. A força geradora desse movimento, no entanto, reitera bases de valor duvidoso, impondo ao povo argentino a ocupação desse lugar:

Não há dúvida de que o Mundial e a Guerra das Malvinas produziram o que a propaganda ou o medo da ditadura – essa arborescência difusa, mas vigorosa, que tomara conta de quase todos os espaços públicos e privados – não haviam conseguido. O Mundial e a Guerra das Malvinas aproximaram os ditadores de um povo que não os repudiava. A festa do Mundial aboliu rancores e princípios. Houve quem teorizasse que o direito do povo à alegria deveria prevalecer sobre o espírito crítico. De um modo mais terrível, já que houve centenas de mortos, a Guerra das Malvinas também levou o povo às ruas e provocou, durante algumas semanas, um estado de exaltação coletiva que se parecia bastante com a celebração de uma vitória popular quando, na realidade, tratava-se de uma cumplicidade sinistra e definitiva.<sup>7</sup>

Do ponto de vista do desempenho da seleção de futebol, a Copa do Mundo de 1982, disputada na Espanha, também resulta em fracasso para os argentinos. Com praticamente a mesma equipe de quatro anos atrás, mais amadurecida, defendendo o título de campeã, a seleção argentina conta ainda com um trunfo inigualável, com a estreia em uma Copa do Mundo de Diego Maradona, sem dúvida, um dos maiores jogadores de futebol de todos os tempos. Preterido no torneio anterior, por ter apenas dezessete anos, Maradona revela-se uma unanimidade no cenário do futebol como craque genuíno, figurando no panteão restrito a nomes como Pelé, Garrincha, Stanley Matthews, Di Stéfano e Puskas, entre as celebridades do futebol mundial. No entanto, a aparente superioridade argentina não se converte em resultados dentro do campo. Visivelmente abalada pelos acontecimentos extracampo, capitula como um segmento da Guerra das Malvinas, rendendo-se inevitavelmente, a partir de exibições muito abaixo das expectativas do público e da imprensa. Na segunda fase da competição, as derrotas para a Itália e para o Brasil dão conta de uma equipe desmotivada, que assiste passivamente os adversários jogarem.

A Guerra das Malvinas, por sua vez, em que pese o sentido de manipulação que envolve essa investida, de algum modo representa a vitória da liberdade ansiada, que por algum meio se manifesta, tendo como ponto específico a antiga questão pela posse do arquipélago. Do mesmo modo, o povo nas ruas quatro anos antes, durante a Copa do Mundo, catalisa o sentimento nacional como manifestação do espírito coletivo que o destaca em seu alto grau de politização. Por sua vez, a guerrilha liderada pelos Montoneros e seu papel na luta armada contra o regime opressor, bem como o lugar de Ernesto Che Guevara como figura que simboliza um desejo de libertação coletiva, sobrepõem-se à territorialidade argentina para expressar o sonho de parte expressiva do povo da América Latina. Nesse sentido, as narrativas pós-ditadura têm em si a marca de personagens de uma memória em primeira pessoa, com esclarece Leonor Arfuch, no texto em que retoma a violência como signo indelével da produção literária contemporânea:

<sup>7</sup> Sarlo, Beatriz. *Tempo presente: notas sobre a mudança de uma cultura*. Tradução de Luís Carlos Cabral. Rio de Janeiro: José Olympio, 2005.

En esas narrativas se destaca fuertemente la experiencia personal, un “yo” que narra, desde los géneros más canónicamente autobiográficos o desde el testimonio de quien ha vivido, visto u oído, pero también desde diversos ejercicios ficcionales o auto-ficcionales, que al liberarse del ajuste a los hechos, su datación exacta o la “veracidad” de situaciones y personajes, permite poner en escena registros pulsionales, conductas socialmente reprobables, emociones “prohibidas”, en definitiva, mostrar, quizá con mayor crudeza, el deslinde entre lo público y lo privado, entre el épico y lo íntimo.<sup>8</sup>

Do ponto de vista da narrativa, Martín Kohan propõe um discurso que reitera a derrota do futebol como uma extensão do fim melancólico da Guerra das Malvinas, último cartucho disparado pela ditadura militar. Como continuação de *Dos veces junio* (2005), Martín Kohan publicaria *Ciencias morales* (2007), que também observa o cenário de declínio da ditadura argentina a partir do olhar de uma inspetora do tradicional Colegio Nacional Argentino, dando ênfase à desestruturação do modelo autoritário que perde seu último jogo. Assim, a ditadura argentina expressa seu sentido patético, saindo da história pela porta dos fundos. O julgamento político que condena os algozes do povo dá conta de um país duramente atingido por um regime sanguinário que exerce com crueldade seu poder. A reconstrução da autoestima dos argentinos passa inevitavelmente pelo futebol, na Copa do Mundo de 1986, disputada no México, quando brilha de modo incontestável a estrela de Maradona.

A lista dos mortos na Guerra das Malvinas é como o retrato do regime a que o General Leopoldo Galtieri tenta manter através de pronunciamentos caricaturais e decorativos transmitidos pela televisão. A derrota para os ingleses expõe a fragilidade de um regime que já não se sustenta, servindo para que a disparidade de forças denuncie a precariedade da Argentina como território indefeso às investidas militares, bem como ao colonialismo que submete o povo e lhe expropria as riquezas. A Argentina absorve a dureza desse golpe, a partir do aceno da redemocratização como oportunidade de retorno ao estado de direito. No entanto, a despeito da publicação nos jornais, muitos nomes não constam nessas listas, dizendo respeito aos que sequer chegam a ser identificados, permanecendo como mortos sem sepultura, a partir do último genocídio perpetrado pela ditadura militar. Em *Dos veces junio*, curiosamente, em uma dessas listas, o recruta identifica o nome do filho do oficial médico a quem servira.

Oportunamente, a intervenção de Beatriz Sarlo em *Paisagens imaginárias* evidencia a Guerra das Malvinas a partir de referências a dois filmes a respeito do holocausto da Segunda Guerra Mundial, recorrendo também a um artigo de Raúl Beceyro. Desse modo, *A lista de Schindler*, de Steven Spielberg, e *Shoah*, de Claude Lanzmann, remetem à leitura de *Los pichiciegos* (1983), de Rodolfo Henríquez Fogwill, narrativa pungente acerca dos jovens soldados abandonados à própria sorte por seus superiores que desertam da guerra por falta de condições de sobreviver à fome e ao frio, comparados a um animalzinho cego que sobrevive às condições adversas em luta desigual. A crueldade dos militares acaba por vitimar seu próprio corpo constituído, uma vez que esses jovens incautos prestam serviço a uma guerra fadada ao fracasso, em que o sentimento de nacionalidade funciona como argumento de teor messiânico para reagrupar os argentinos ante a derrocada do já desacreditado regime militar:

---

<sup>8</sup> Arfuch, Leonor. “Violencia política, autobiografía y testimonio”. In: Seligmann-Silva, Márcio; Ginzburg, Jaime; Hardman, Francisco Foot. (Org.). *Escritas da violência: representações da violência na história e na cultura contemporânea da América Latina*. vol. 2. Rio de Janeiro: Sette Letras, 2012.

O problema é o mesmo, a pergunta que torna o problema visível é a mesma: a guerra das Malvinas pertence a uma ordem de materialidade que é prévia e fundadora de toda possibilidade de relato sobre a guerra. Quando as coisas dizem sua verdade, *materializam a lembrança*. Quando a necessidade de pó químico é tão grande, quando a carência de pó químico faz as pessoas converterem seus refúgios em tocas fedorentas ou irem congelar no vento da noite, a guerra começa a ser alvo visível para o relato. A guerra, como o holocausto, se denuncia nos objetos manipulados por uma tecnologia sofisticada ou transformados pelo artesanato de sobrevivência.<sup>9</sup>

Do mesmo modo, a narrativa de Martín Kohan aponta para a impossibilidade de que a ditadura militar não tenha um termo, havendo a sugestão de que o tempo se encarregue de vir por conta própria curar a feridas deixadas. A ilusão do futebol sugere que, no jardim da casa onde o antigo recruta, agora estudante de medicina, reencontra o oficial médico, seu sobrinho de quatro anos, a pedido do pai, chute uma bola, ao invés de tocá-la com as mãos, como fazem as meninas, imitando a força dos chutes do meia-atacante Kempes, na partida final contra a Holanda. Tudo se perde e os antigos companheiros de trajeto constatam que nada ficara no mesmo lugar, à exceção do Ford Falcon, que segue rodando, não havendo como rivalizá-lo entre os novos modelos de automóveis. Assim, o romance sugere um tempo de trégua entre o fim do regime autoritário e o aceno de transformações que se impõem nesse rastro de fracassos. A situação intermediária que perpassa a realidade argentina, no plano da ficção, configura-se em situação de inércia diante da qual se faz preciso recorrer ao silêncio como remédio.

A seleção argentina precisa de um milagre na partida contra o Brasil, como também a sucessão de derrotas no âmbito político e militar condena o país à situação inexorável de chegada ao fim da linha. Desse modo, se faz preciso encerrar um ciclo para que outro tenha efeito, colimando esforços no sentido de se recompor os estragos de campanhas infelizes, na política como no futebol, juntando os pedaços do que se destroçara para daí poder encontrar um novo significado. No futebol, diante da derrota iminente, os analistas insistem em dizer que o mais importante nesse momento é a tradição e o estilo de jogo dos argentinos, que devem superar os resultados adversos. Assim, seguem os comentaristas na transmissão pelo rádio, dizendo que os argentinos mereciam outra sorte, e que para o jogo decisivo contra o Brasil há preocupação, mas não há desesperança. Do mesmo modo, toca ao antigo oficial médico alertar o antigo recruta sobre os tempos difíceis que devem advir, cabendo repetir a mensagem de união que os radialistas esportivos insistem em destacar como exortação ao ânimo e aos brios da seleção de futebol.

## Referências

Achugar, Hugo. *Planetas sem boca: escritos efêmeros sobre arte, cultura e literatura*. Tradução de Lyslei Nascimento. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.

Arfuch, Leonor. "Violencia política, autobiografía y testimonio". In: Seligmann-Silva, Márcio; Ginzburg, Jaime; Hardman, Francisco Foot. (Org.). *Escritas da violência: representações da violência na história e na cultura contemporânea da América Latina*. vol. 2. Rio de Janeiro: Sette Letras, 2012.

---

<sup>9</sup> Sarlo, Beatriz. *Paisagens imaginárias: arte e meios de comunicação*. Tradução de Rubia Goldini e Sérgio Molina. São Paulo: Edusp, 2005.

Avelar, Idelber. “Figurações da violência e da memória no romance argentino contemporâneo: Martín Kohan e Gustavo Ferreyra”. In: SELIGMANN-Silva, Márcio, Ginzburg, Jaime & Hardman, Francisco Foot. (Org.). *Escritas da violência: o testemunho*. vol. 1. Rio de Janeiro: Sette Letras, 2012.

Gomes, Renato Cordeiro. “Por um realismo brutal e cruel”. In: Margato, Izabel; Gomes, Renato Cordeiro (Org.). *Novos realismos*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012.

Kohan, Martín. *Dos veces junio*. Buenos Aires. Editora Debolsillo, 2005.

Ludmer, Josefina. *Aqui América Latina: uma especulação*. Tradução de Rômulo Monte Alto. Editora UFMG, 2013.

Sarlo, Beatriz. *Paisagens imaginarias: arte e meios de comunicação*. Tradução de Rubia Goldini e Sérgio Molina. São Paulo: Edusp, 2005.

Sarlo. *Tempo presente: notas sobre a mudança de uma cultura*. Tradução de Luís Carlos Cabral. Rio de Janeiro: José Olympio, 2005.

Skrepetz, Inês. “Os jogos políticos dos tempos sombrios: futebol e ditadura na obra de Martín Kohan”. In: *Conhecimento prático: literatura*. São Paulo: EBR, 2015.

Yúdice, George. *A conveniência da cultura: usos da cultura na era global*. Tradução de Marie-Anne Kremer. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2004.

**Para Citar este Artigo:**

Valente Junior, Valdemar. Futebol e ditadura militar na Argentina: uma leitura de *dos Veces Junio*, de Martín Kohan. *Rev. Dialogos Mercosur*. Num. 2. Julio-Diciembre (2016), ISSN 0719-7705 pp. 79-91.

Las opiniones, análisis y conclusiones del autor son de su responsabilidad y no necesariamente reflejan el pensamiento de la **Revista Diálogos en Mercosur**.

La reproducción parcial y/o total de este artículo debe hacerse con permiso de **Revista Diálogos en Mercosur**.